

ASPECTOS SOCIAIS E HISTÓRICOS DO SURGIMENTO DA CRÔNICA FUTEBOLÍSTICA ESPECIALIZADA EM FORTALEZA (1921-1930)

Vicente Moreira Maia Neto*

Atualmente, no Brasil, historiadores, sociólogos, antropólogos e educadores físicos vêm estudando e respondendo à questão central do fascínio exercido pelo futebol no país, desde as décadas finais do século XIX. Um dos aspectos interessantes desses estudos é a contribuição determinante da crônica esportiva especializada para a consolidação deste esporte, sendo os cronistas importantes personagens da história e relações sociais do futebol; e a crônica, objeto de estudo privilegiado para a compreensão das representações culturais de períodos diversos dessa história e sociabilidades.

No entanto, nem sempre o reconhecimento da importância do objeto e dos personagens envolvidos ressaltou a relação de fascinação existente entre escritor e fenômeno social. Isto porque é de natureza diferente a participação do cronista, dos letrados, na atmosfera do jogo. Os jogadores, técnicos e torcedores, embora de formas diferentes, participam dele motivados pelo desejo de prazer, pela excitação física, pelo delírio coletivo proporcionado pela irmandade clânica de fazer parte de um time ou torcida. O escritor é motivado por outra excitação – que também pode ser psicológica e física, por poder ser também torcedor, ou ex-jogador –, pois de natureza intelectual, derivada do desejo de compreensão e interpretação do mundo por meio da narrativa, das letras, do texto escrito, e não por meio da expressão corpórea. (Hilário FRANCO JR., 2007; Norbert ELLIAS & Eric DUNNING, 1992; Nicolau SEVCENKO, 1994).

Essa característica peculiar do cronista esportivo em relação aos torcedores e jogadores não o coloca no topo de uma estrutura hierarquizada na vertical, mas ressalta outro tipo de preocupação, específica, que diz respeito à relação entre imprensa e futebol, mediante crônica esportiva. Enquanto isso, podemos perceber a própria crônica como um gênero representativo do tempo histórico e do espaço social, porque gênero “literário de fronteira”, assim como o romance e o ensaio, pois faz da literatura pretexto para falar do cotidiano, do menor e maior absurdo hodierno, de forma muitas vezes personalizada e bem definida esteticamente (Sidney CHALHOUB *et.al.*, 2005).

Dessa forma, criam-se identidades próprias do ato de escrever (identidade do cronista e da crônica esportiva) e interpretações sobre o objeto da escrita, debruçando-se sobre o fenômeno futebolístico, seus personagens e histórias diárias. Nesse ínterim, criam-se vínculos

*Mestrando em História Social pela UFC – vicentemoreiramaia@hotmail.com.

entre escritores, jornalistas, torcedores, times e jogadores, naquilo que consiste o processo de construção e consolidação da relação futebol/imprensa. Mas também aspectos sociais das representações deste processo.

O texto que se segue visa apontar algumas características sociais do surgimento da relação futebol-imprensa em Fortaleza, discutindo também algumas representações em torno da prática de escrita sobre o futebol e de jogo com a bola. Privilegio as representações sobre o espaço e sobre as visões de mundo enunciadas pela crônica esportiva, ainda em gestação entre os anos 1921-1930.

Quando Roncayolo (1986, p. 470) afirmou que “representações da cidade e da sociedade vão a par”, não estava pensando especificamente sobre o Brasil, muito menos sobre futebol, ou sobre esportes. Contextualizava as concepções (no sentido duplo de criação e construção) do espaço urbano europeu durante o “renascimento” e o período “barroco”, pensando a arquitetura, a arte e a ciência como representações do espaço e do social.

Porém, advertia sobre o caráter impreciso deste tipo de relação, visto muitas vezes as representações utópicas se mostrarem extremamente frágeis na experiência prática de seus habitantes. Ou ainda da possibilidade interpretativa de pensar as representações como espelho da cidade (Marcel RONCAYOLO, 1986).

Contra a confirmação ou elaboração de modelos prévios, o autor sugere, a partir de Pierre Francastel, a subversão das intencionalidades e a contextualização dos espaços e seus usos no tempo. Assim, o autor verifica dois tipos de “barroco”, um geométrico, ordenado; outro místico e sensual. Afirma-se com isso a diferença, para além das alternâncias dos tipos de barroco, constituindo desta forma o que Roncayolo chama de “sensibilidade do período”, tecendo relações nada óbvias, nem harmônicas, entre as representações e as práticas em cada espaço social contextualizado (*apud*. Marcel RONCAYOLO 1986, p. 471).

Pode-se, com razão, duvidar da transposição de uma afirmação como esta da epígrafe, destinada a determinado contexto histórico e discussão temática – no caso, a concepção do espaço europeu e das relações entre representações e ideologias da cidade –, para outro contexto e outra discussão temática: a concepção do futebol em Fortaleza e as relações entre este esporte e a imprensa.

No entanto, sugerir que as “representações da cidade e da sociedade vão a par” coloca em destaque a questão do espaço nas transformações por que passam as sociedades, como também sugere Raquel Rolnik (1992). E no caso da transposição desta ideia, enfatiza a

diferença e a alternância de experiências e representações em torno do futebol, um fenômeno cultural com sua própria temporalidade, em relação com o espaço urbano.

Os problemas a serem desenvolvidos enfatizam a apropriação do futebol pela imprensa, analisando as representações da cidade e da sociedade produzidas pelas “crônicas desportivas” dos periódicos fortalezenses entre os anos 1920 e 1930. Espera-se com isso apontar alguns elementos de constituição de uma rede social e urbana vinculada ao futebol e ao desporto, alguns elementos de uma cartografia social de Fortaleza, entendendo que os costumes e o espaço são agentes transformadores das relações sociais, contribuindo para a formação de identidades.

A partir da década de 1920 vários jornais são fundados em Fortaleza, todos na região do centro da cidade. Entre estes primeiros periódicos estão o “Correio do Ceará” (1915, mas registrado contemporaneamente desde 1921), “O Nordeste” (1922) e “O Povo” (1928).

Quando o futebol começou a ser tratado pela crônica esportiva fortalezense, não ocupava lugar de destaque nos jornais, nem era o assunto exclusivo ou preponderante dos entusiastas do culto ao corpo. A questão da identidade não era discutida em termos do futebol, não em sua imprensa. A primeira Copa do Mundo (1930) nem foi assunto das “Crônicas Desportivas”. No entanto, mesmo com certo estranhamento por parte da imprensa local, o esporte e o futebol passaram a fazer parte dos temas abordados frequentemente pelos jornais, assim como a literatura, a política e as colunas sociais.

Um desses primeiros jornais a trazer a “coluna desportiva”, mas relegando-a ao segundo plano do conjunto do jornal foi o vespertino “O Nordeste”. Na sua edição de abertura, informa o redator o conteúdo e a justificativa de uma coluna de esportes, intitulada “Desportos”:

O desporto bretão, em nossa capital, tem tomado, ultimamente, tamanho impulso, que não assombra dizermos que O CEARÁ, neste ponto, pouco fica a dever aos outros Estados do Norte. Graças ao esforço dos nossos muito entusiasmados *sportsmen*, os quadros das nossas cinco sociedades que possuímos optimamente constituídos, marcarão na presente temporada, uma época brilhante e digna de registro. Como estímulo aos que se dedicam ao *football*, estabeleceremos em as nossas edições de terças e sabbados, uma seção desportiva mais ou menos completa, onde seremos imparciais e comedidos. (*O Nordeste*, 29/06/1922, p. 03).

O aspecto curioso desta notícia é que devido ao “entusiasmo” e “dedicação” daqueles que praticam o novo esporte (ainda estrangeiro, *vide* vocabulário e o qualitativo bretão), o campeonato local tornou-se digno de nota. Daí merecer uma “cobertura mais ou menos completa”. De fato é curioso se entendermos o futebol como se concebe



contemporaneamente. No entanto, estas primeiras percepções trazem a concepção da apropriação do futebol pela imprensa, no sentido de uma criação ideológica e de uma construção social. O espaço, neste ínterim, denuncia os usos e funções adaptadas ou criadas para esta nova prática cultural.

Sobre este aspecto, da percepção do espaço como agente transformador da cidade, e/ou a par das representações sociais, “O Nordeste” nos informa sobre seu público leitor, seus pontos de venda e seu desejo de expansão comercial:

No intuito de facilitar aos nossos leitores do subúrbio a aquisição do “O NORDESTE”, sem o incômodo de vir à Praça do Ferreira, centro a que quase exclusivamente limitam os jornaleiros o pregão dos jornais diários, resolvemos estabelecer agências especiais assim localizadas: Casa Fortuna de Ouro, rua Dr. Nogueira Accioly (Outeiro), nº 170; Ignacio Costa, boulevard Visconde de Cauhybe (Benfica), nº 587; Cyriaco Carvalho, rua Princesa Izabel, nº 235, esquina com a das trincheiras. Com mais vagar, iremos crescendo, nos demais bairros, novas agências de venda, de modo que todos venham a ser servidos, para contento próprio e nosso. (*O Nordeste*, nº 01, 29/06/1922, p. 03).

Partindo da conjectura de que a imprensa se relaciona com o futebol no sentido de apreciá-lo e divulgá-lo, tornando-o um produto seu, mesmo que, de início, meio “mais ou menos”, é interessante perceber a circunscrição social que representa o campeonato local. Se levarmos em conta os outros jornais de maior circulação da época, para além do jornal “O Nordeste”, o centro da cidade é a região que concentra os fluxos econômicos e também o fluxo de informações. A Praça do Ferreira é o ponto de encontro, de apoio. No caso do futebol, é onde se encontra seu público leitor, e em suas mediações, alguns clubes, como o Ceará e o Fortaleza.

Não desejo com isso reduzir ou ignorar a dimensão da prática do futebol, que desde duas décadas antes já houvera iniciado sua expansão pela cidade, mas salientar um tipo específico de relação social que começa a se estabelecer entre times do campeonato local e imprensa, por meio da crônica desportiva.

Nesta relação, várias representações do mundo social vão sendo elaboradas, denunciando usos e funções do espaço urbano. Se o centro da cidade foi espaço primeiro de concentração desta nova prática, inclusive em suas praças, onde se realizaram incontáveis partidas de futebol, desde a primeira oficial, em dezembro 1904, sob a tutela do semióforo José Silveira¹, no passeio público, até os estudantes do Liceu e da Faculdade de Direito, na praça Fernandes Vieira, entre eles Valdemar Caracas e Paulo Sarasate, dois “desportistas”, pode-se perguntar por que foi preterido em função dos estádios e de outros bairros. No caso

de Fortaleza, preterido em função do Campo do Prado, no Benfica (Valdemar CARACAS, 2011, p.p. 56-57).

A razão desta ambiguidade do papel, uso e função do centro da cidade durante os primeiros 30 anos do século XX, ora como lugar de poder, ora como lugar incompatível com as novas culturas urbanas tem uma analogia, no caso do futebol, com o carnaval, que abandona as ruas do centro para ingressar nos clubes (Carlos Henrique BARBOSA, 2007).

Os jornais, neste sentido, são ricos em representações. Ao escrutinar sua trajetória atrelada à relação entre imprensa esportiva e futebol, durante a década de 1920, percebe-se certas recorrências estruturais e de conteúdo. Seguem-se dois aspectos elementares do significado de se praticar futebol, enquanto esporte com características eugênicas e como elemento de distinção social.

A primeira dessas recorrências encontradas nas crônicas diz respeito ao adjetivo qualitativo das colunas esportivas. No jornal “*O Povo*”, é o “*Povo Desportivo*”, no jornal “*Correio do Ceará*”, é o “*Correio Desportivo*”, a mesma coisa no jornal “*Gazeta de Notícias*” e assim por diante. Inclusive o primeiro periódico especializado em esportes no Ceará leva este adjetivo em seu nome: “*Cancha Desportiva*” (fundada em 1938). Portanto, o primeiro problema a ser levantado gira em torno da representação da palavra “desportivo(a)”. O que é ser “desportivo”?

Ao analisar o primeiro semestre de 1930, percebemos a preponderância das representações em torno do “homem desportista”. No dia 12 de abril, o “*Correio do Ceará*” inicia a publicação de um ensaio sobre a definição do que é educação física e desporto, intitulado “*Educação Física – Espírito dos Jogos Atlético na Educação*”, denunciando a cegueira dos governantes e da população por não se aprofundarem no estudo da matéria. Esta é a primeira de várias partes desse ensaio, todas publicadas em dias diferentes na coluna “*Correio Desportivo*”. Diz o ensaio, com forte teor metafórico: “Certa vez um grupo de cegos discutia a cerca da conformação que deviam ter os elefantes, pois não conheciam em seus cérebros a idéia perfeita da estrutura de um paquiderme.” (*Correio do Ceará*, 12/04/1930, p. 03).

Como não o concebiam, foram ao zoológico, e como cada um tocou uma parte diferente do corpo do elefante, cada um teve uma visão diferente do que seria a sua forma. Segundo o cronista, faltavam-lhes “luz” e visão geral para compreender a concepção da forma de tal mamífero, concluindo que “Todos tinham razão e, sem embargo, estavam



profundamente equivocados...”. Coisa similar acontecia com a concepção do desporto e da educação física (*Correio do Ceará, ibid.*).

Desta maneira acontece com muitas cousas da vida e, muito especialmente, sobre os desportos e educação física em geral cujo exame e estudo apurados não mereceram ainda, entre nós pelo menos, a atenção de quem de direito, nem dos poderes públicos como acontece em logares mais cultos que o nosso Ceará.

Algumas pessoas crêem que a educação física é a ginástica sueca; outras que é o futebol (...). Todos tem razão, porque não se aprofundam bastante na matéria. (*Correio do Ceará, ibid.*).

O autor deixa claro que desporto e educação física são a mesma coisa que o conjunto das práticas esportivas, mas que no Ceará, por não ser tão evoluído, o poder público e os homens cultos não deram ainda atenção suficiente ao fenômeno, pois não basta falar apenas de um deles (o futebol, por exemplo), é necessário estudar a educação física e o desporto por inteiro. Daí deriva que o futebol é uma atividade desportiva, mas não deriva sua concepção em termos de identidade nacional, ou de primazia frente aos outros esportes. A coisa não é tão óbvia.

Voltemos ao ensaio. Nos dias 14 e 15 de abril, nos dá a ler quais são os propósitos desse tipo de coluna. A saber: eugenia social e alinhamento com a situação civilizada de industrialização e modernização das cidades.

No dia 14 o ensaio começa assim: “As sciencias biológicas interpretadas por homens eminentes como Gullick, G. Stanley Hall², McCurdy, McKenzie e Fisher, tem dado uma orientação a esta matéria basica, estudando o indivíduo humano através da história da raça.” (*Correio do Ceará, 14/04/1930, p. 06*). Aqui a educação física, ancorada em estudos sobre o desenvolvimento da raça humana, entende o desporto como um autômato adquirido pelo homem no seu processo de aperfeiçoamento e civilização. Segue o ensaio:

Os musculos são importantes órgãos da vontade. O homem, impulsionado por eles, tem realizado as maiores obras; tem construído cidades, escrito livros, enfim, tem feito todas as cousas materiaes que são de importância predominante na história (...). Diz Bluntschili³ que a história não é mais que uma série uniforme de movimentos conscientemente ordenados [ilegível] (...). São os musculos os grandes geradores do hábito da imitação, da obediência, do character e de todas as maneiras e costumes. Pode-se dizer que a resistência, a destreza e a perseverança são virtudes musculares ao passo que a fadiga, o capricho, a irascibilidade, a falta de controle e o desequilíbrio são deficiências musculares. (*Correio do Ceará, ibid.*)

É interessante que o autor se alinha aos estudiosos do progresso racial da humanidade, seja em termos do desenvolvimento psicológico ou do Estado. Aqui mais uma pista nos é dada sobre o homem desportista e a educação física: ele é um ser comprometido com o progresso (a “História”), assim como a disciplina tem por finalidade promovê-lo. Este

progresso não é qualquer um, é o progresso entendido em bases raciais. O bom ou mau costume, o caráter ou a falta dele são questões trabalhadas na sociedade moderna através dos esportes, como automatismos que se deve aprender em nome da civilização, do bom funcionamento do Estado. Este é o compromisso social e político dos desportos. Mas que civilização moderna é essa?

No dia 15 o autor segue com seu ensaio, especificando a relação entre as atividades de desenvolvimento muscular e a justificação dos esportes frente à modernização e civilização humana. É interessante notar que tanto a civilização quanto o homem estão evoluindo e que este progresso ocorre alinhado à modernização das cidades e do desenvolvimento físico do homem, respectivamente, tal qual o Estado de Bluntschili e a criança de Stanley Hall. Segue que:

Não é possível entrar a detalhar o desenvolvimento dos órgãos do sistema muscular, entretanto seria muito interessante observar o processo adotado aparentemente pela natureza para que o corpo se desenvolva numa série de épocas, ou períodos. (*Correio do Ceará*, 15/04/1930, p. 06).

O autor caracteriza o desenvolvimento muscular do corpo em diferentes estágios do crescimento humano, diferenciando dois tipos de músculos: os “músculos centrais”, responsáveis pela locomoção e empreendimento de força; e os “músculos acessórios”, que tem por função o movimento do rosto, das mãos e da língua. Neste processo, os músculos centrais são primeiramente desenvolvidos, sendo encontrados tanto nos homens quanto nos animais. Já os músculos acessórios são desenvolvidos posteriormente, diferenciando a raça humana das outras espécies. É notável que, para o autor, as crianças (por ainda estarem em crescimento) e os degenerados não têm domínio dos músculos acessórios e que a civilização moderna emprega uma nova maneira de exercer seu desenvolvimento “neuromuscular”, no sentido de uma nova necessidade nascida com a modernidade⁴.

É significativo notar que os idiotas, os alcoolatras e os anciões perdem primeiramente o uso e o controle dos musculos acessórios. (...)

A civilização moderna e também as duas ou três últimas tem verificado uma mudança radical em hábitos, métodos e costumes neuro-musculares.

Durante séculos e séculos, o homem primitivo viveu uma vida nomade, fazendo largas excursões a pé, transportando todos os seus bens sobre os ombros, ao passo que nós viajamos em trens, automóveis, etc. com o mínimo uso dos nossos musculos. (*Correio do Ceará*, 15/04/1930, p. 06).

Desta forma, o desporto é entendido como uma nova maneira, “hábito, método e costume neuro-muscular”. O desporto é uma nova necessidade do homem civilizado para continuar seu desenvolvimento físico, pois os homens contemporâneos não mais transportam

“seus bens sobre os ombros”, mas desenvolveram técnicas, máquinas e diminuíram os esforços em busca de comodidade, produção e eficiência. Também por não levarem sobre os ombros seus pertences, o desenvolvimento físico não ocorre mais no trabalho, mas é sinalizado em direção da prática desportiva. O desporto substitui o trabalho, ou melhor, retira do trabalho a função de desenvolver os músculos, haja vista a modernização proporcionada pela industrialização e a comodidade do homem civilizado.

No entanto, uma diferenciação existe. Por um lado, como mostra o ensaio, o desporto cumpre a função do trabalho primitivo (desenvolvimento físico), mas em uma nova roupagem, como lazer. Por outro, como mostra Rodrigo Pinto (2005), é reivindicado pelas classes subalternas como atividade de lazer, para além do trabalho (emprego). O desporto, antes dos embates entre profissionalização e amadorismo, já apresenta pelo menos duas apropriações e aproximações de identidade distintas uma da outra – uma de distinção e exclusão; a outra de reivindicação e rivalização por uma maior expansão das técnicas, métodos e práticas de lazer –, sendo uma metáfora de uma nova sociabilidade moderna. Este novo desenvolvimento também leva em conta a ideia de trabalho, mas sempre atrelada a essa nova sociabilidade.

São nestes termos que as colunas desportivas encaram o desenvolvimento das práticas futebolísticas, ou quaisquer outras esportivas, de forma direta ou indireta, apresentando diferenças e alternâncias entre as representações e as práticas dos vários grupos sociais na cidade. Isto antes mesmo de representar um modelo de identidade nacional. Mas aqui chegamos ao limiar interpretativo desse ensaio, que de início, mostra o desporto como uma visão de mundo representativa da higiene social, da distinção social e da consciência de se estar em um mundo novo. Mas o que o desporto representa, simboliza dessa nova sociabilidade entre os homens?

Ao analisar o Jornal “*O Povo*”, alguns indícios são percebidos. Na primeira edição do jornal, de 07 de janeiro de 1928, abre o editorial, pronunciando a existência de um novo periódico, justificando-o em termos de suprir também uma nova necessidade: informar o público na mesma velocidade vertiginosa da modernização em curso no mundo – e em Fortaleza.

Contrariamente ao pensamento de muitos, nunca será demais um novo jornal. A complexidade da vida moderna, já por si, justificaria a preferência dos periódicos sobre os livros. A vista não mais se apura no estudo paciente e methodico dos gabinetes, mas limita-se a percorrer titulos e a deter-se onde encontra o assumpto escolhido pelas necessidades materiaes e mentaes de cada momento. (*O Povo*, 07/01/1928, p. 01).

Claro está que entre estes “assuntos necessários” encontra-se o desporto (e o futebol), mas também fica claro uma seleção consciente dos jornais daquilo que representava suas visões de mundo política e social. No caso da trajetória do Jornal “*O Povo*”, esse compromisso social do periódico é constantemente exaltado. Na mesma edição, na mesma página do editorial, o diretor de “*O Ceará*” (J. Ibiapina) declara em carta aberta sobre o novo jornal e sobre Demócrito Rocha (fundador e diretor), o seguinte: “pelo que reconheço da tua atuação quando colaborador do O CEARÁ, domina-me a certeza de que, no leme do novo periodico, has de ser um defensor ousado e inteligente de todas as causas populares.”(*O Povo*”, 07/01/1928, p.01). É interessante que, logo de início, seja possível vislumbrar uma associação entre modernização e defesa das causa populares, por mais que isto pareça antagônico, como projeto político e de transformação social defendido pelo novo jornal. Daí se pergunta qual é este propósito político, ou como o futebol dá a percebê-lo?

No ano de 1930 é possível se estabelecer uma metáfora entre imprensa, política; desporto e futebol. No auge da campanha eleitoral para o cargo de presidente da República, a realizar-se no mês de março, publicam-se várias matérias, em fevereiro, sobre as caravanas do partido liberal, partido este ao qual se alinha abertamente o jornal. São publicados artigos sobre as visitas das caravanas na cidade, transcrições sobre os discursos (inclusive de Demócrito Rocha), um hino em homenagem a Getúlio Vargas, crônicas em teor crítico às oligarquias estaduais, etc.(ver *O Povo*, 12/02/1930 à 01/03/1930). Mas há um alinhamento peculiar nesta campanha/cobertura política, sinalizando uma modernidade política em consonância com uma sociabilidade de teor bastante distintivo do modelo desportista anteriormente visto.

No dia 12 de fevereiro, a “Caravana do Norte”, liderada pelo deputado gaúcho Edgar Scheneider, chega à Fortaleza, sendo “visitados à bordo por uma comissão mixta do comitê liberal, do partido democrático e da imprensa liberal, os ilustres caravaneiros resolveram desembarcar...”(*O Povo*, 12/02/1930, p.01). Desembarcaram, foram recebidos pela imprensa (entre eles Paulo Sarasate, representante do Jornal “*O Povo*”) e se encaminharam para almoçar na “*RotserieSportman*”, onde discursaram e terminaram o encontro. No mesmo dia o jornal publica uma nota de Edgar Scheneider, dedicada a este vespertino. Diz a nota:

Ao brilhante vespertino O POVO deixo expressa, nestas linhas a minha admiração pela maneira galharda com que vem predicando dia-a-dia, as grandes conquistas liberaes da actualidade brasileira. É bem o espelho da opinião pública que se depara nas suas columnas, onde se produz a animação vibrante e altiva do apostolado democratico, que no povo cearense, teve sempre um núcleo pujante de concentração e irradiação cívica de nacionalidade.(*O Povo*, 12/02/1930, p.01. Nota assinada por Edgar Scheneider).

Aqui novamente é reafirmado o compromisso político e social do jornal, a saber: alinhamento com o partido liberal e compromisso com a defesa da democracia, da opinião pública e da pátria. No entanto, a pompa discursiva possui brechas. No mesmo dia, a “*RotserieSportman*”, restaurante escolhido pela imprensa liberal para o almoço, tem publicado sua propaganda, dizendo que é “O melhor e maior hotel do Ceará actual”, pois é “O ponto mais central da capital e de reunião da fina flor da sua sociedade. (...) e é o que de melhor oferece a sua distinta e numerosa freguesia, pelos menores preços.”(*O Povo*, 12/02/1930, p.02). Além do apelo fortíssimo ao fator distintivo da sua freguesia (em termos de laços de sociabilidade), expresso literariamente e ideologicamente através da palavra “*sportsman*”, esta propaganda revela um lugar de poder: “o ponto mais central da capital”.⁵ Esta sociabilidade e lugar de poder destoam com o discurso liberal, mas caracterizam perfeitamente a relação da imprensa com o futebol, por exemplo. Vale dizer também que quatro dias depois (domingo, 16) foi a vez da “Caravana Luzardo” ser recepcionada pela imprensa liberal, em banquete no “*Club Diários*”, salientando a concepção e o tipo de sociabilidade desejada por esta nova política liberal, democrática e defensora da opinião pública: ostentação, status, distinção.(*O Povo*, 14/02/1930, p. 05; e 18/02/1930, p.p. 01-02. Cobertura do banquete no *Diários*).

Entre 1928 e 1930, o jornal “*O Povo*” publica notícias sobre os esportes através de sua coluna desportiva, comentando e anunciando jogos, mas mais do que isso, falando dos clubes como órgão social, de distinção. Como, por exemplo, no dia 14 de janeiro de 1928, onde o jornal convoca os sócios do Fortaleza para as eleições de sua diretoria. (*O Povo*, 14/01/1928, p. 05). O mesmo acontece com o Maguary, mas com maior intensidade.

Na manchete de 13 de Fevereiro de 1928, o “*Sport Club Maguary*” organizava uma festa de carnaval com direito à partida de futebol entre casados e solteiros, seguido de baile à fantasia, onde os sócios eram convidados.(*O Povo*, 13/02/1928, p. 05). Ou na crônica lapidar do dia 23 de janeiro do mesmo ano, em que o autor comenta as eleições da nova direção do “Maguary”, afirmando que esta era a “expectativa geral”, motivo pelo qual o jogo contra o Caucaia aconteceu com “pouca animação”. Tendo em mente que a peleja teve cinco gols e que o “Maguary” venceu em revanche (3x2), após ser goleado (6x2), em outra ocasião, esta crônica nos diz muito sobre o significado de um jogo para um clube desportista. (*O Povo*, 09/01/1928, p. 06; e *O Povo*, 23/01/1928, p. 02).

No entanto, as relações entre “*O Povo*” e o “S.C. Maguary” se mostram mais intensas. Num ano de Copa do Mundo, onde a coluna desportista do jornal não publica

notícias sobre a seleção e o mundial, e em meio aos preparativos da recepção da “Caravana Luzardo”, o “S.C. Maguary” convoca o diretor de “*O Povo*” e sua família para “vesperaes” do clube, no mesmo domingo do banquete no “Diários” (16/02/1930).

A directoria do ‘SPORT CLUB MAGUARY’ tem a sabida honra de convidar V. Excia. e Exma. família para abrilhantarem com suas honrosas presenças a Reunião Familiar com que esse Club, em sua sede, à rua Major Facundo, 72, sobrado, inicia no presente anno íntimas vesparaesmensaes das famílias de seus sócios... (*O Povo*, 14/02/1930, p. 05).

Neste convite ficam evidenciadas as pautas da agenda de um diretor como Demócrito Rocha, que vê no futebol e no desporto certo alinhamento com os propósitos de uma reforma política. O interessante é que mesmo antes da apropriação do Estado e da imprensa para construção oficial do futebol em termos de identidade nacional, já existia uma aproximação e estreitamento social entre futebol e imprensa.

Neste sentido, o futebol, a crônica desportiva e a imprensa metaforizam, através de representações e visões de mundo, aspectos vários da consciência de se estar em um mundo novo, modernizado, urbanizado e habitado por homens “desenraizados” (Nicolau SEVECENKO, 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Miguel Ângelo. **Valdemar Cabral Caracas**. In. Secretaria de Cultura-CE. **Memórias Centenárias Cearenses** (Vol. 1). Fortaleza: MIS, 2011.
- BARBOSA, Carlos Henrique. **A cidade das máscaras: carnavais na Fortaleza das décadas de 1920 e 1930**. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2007.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). **História em cousas miúdas**. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Ed. Difel, 1992.
- JAMESON, Fredric. **Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- PINTO, Rodrigo Márcio S. **Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-1945)**. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2005.

RONCAYOLO, Marcel, **Cidade**. In. Enciclopédia Einaudi (vol. 08): **Região**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.

ROLNIK, Raquel. **História urbana**: história na cidade? In. FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio. **Cidade & História**: Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos**. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun.-ago., 1994. p.p. 30-37.

_____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

¹ É apontado como o fundador do futebol na cidade. Assim como Charles Miller e Oscar Cox, ele era estudante, e após uma temporada na Suíça, trouxe consigo importante material litúrgico: a bola nº 05, dois uniformes completos e o livro de regras do *Football Association*.

² Granville Stanley Hall (1844-1924) foi psicólogo pioneiro nos Estados Unidos, primeiro doutor em psicologia do país, ao estudar o desenvolvimento da criança (ontogênese) associado ao desenvolvimento da espécie (filogênese), ancorado na teoria da evolução da espécie de Darwin. Seu trabalho inicial intitulava-se “*The ContentsofChildrensMinds*” (1883).

³ Johann KasparBlunstschli (1808-1881), suíço, professor e teórico do Estado como um organismo vivo. Sua ideia era de que cada Estado funcionava como um ser vivo, com cabeça, necessidades nutricionais e sexo, inclusive. O Estado também evoluiria como um ser vivo, desde a infância, passando pela adolescência, chegando a maturidade e a degeneração com o passar do tempo.

⁴ Entende-se por “modernidade” uma categoria narrativa construtora de alteridades e de diferenciação histórica (períodos), mas não como um conceito definidor do tempo histórico. Sobre seu tratamento, ver debate em Fredric JAMESON: 2005; ver tratamento da modernidade como conceito histórico em Reinhart KOSELLECK: 2006.

⁵ Ver Carlos Henrique BARBOSA (2007). Sobre o abandono do carnaval de rua por parte das elites comerciais de Fortaleza, se refugiando nos clubes, “os foliões abonados buscavam espaços fechados que lhes pudessem conferir poder, status e prestígio social.” p. 142 . A própria “*Rotserie*” se localizava no mesmo prédio de um clube (Iracema), antigo Palacete Ceará, na Praça do Ferreira, Rua Floriano Peixoto. Ver p. 130.